

## OS MILONGUEIOS DE JORGE LUIS BORGES E VITOR RAMIL

JUCELINO VIÇOSA<sup>1</sup>; ALINE COELHO DA SILVA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – UFPel - jucelino.vicosa@yahoo.com.br

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – UFPel - aline.coelho@ufpel.edu.br

### 1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como ponto de partida a presença do negro na memória cultural do Pampa e a milonga como marco representativo de miscigenação racial e estética cultural pampiana. Para discussão do tema será utilizado o poema de Jorge Luis Borges “Milonga de los morenos”, integrante do livro “*Para las seis cuerdas*” (1974), musicado por Vitor Ramil, e, a partir dele, será feita a discussão sobre a milonga no contexto poético dos dois autores. Busca-se tratar a milonga como marco representativo de miscigenação racial e cultural pampiana. Entende-se a milonga como um efeito musical de propagação, isto é, um ritmo capaz de abrir espaço para outras formas de representação e de manifestações dos imaginários, por exemplo, do negro na região pampiana. Como referencial teórico, entre outros, serão trabalhados autores como Joel Candau (2014), Zilá Bernd (2013) e Jan Assmann (2016); Vicente Rossi (1958) e Susan Oliveira; Carla Mello (2018). Pretende-se comprovar a participação do negro na memória cultural e na paisagem do Pampa, a partir da milonga, e como se constroem os imaginários sobre o negro no poema estudado.

### 2. METODOLOGIA

Como metodologia, buscou-se a pesquisa bibliográfica mediante a consulta em referencial teórico já analisado e publicado de forma escrita e/ou eletrônica em livros, artigos científicos e endereços eletrônicos (GHERARDT; SILVEIRA, 2009), como forma de analisar traços da presença do negro evidenciados no poema, bem como contextualizar os autores enquanto representantes dessa “cultura pampiana”.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entende-se que a memória atua como algo capaz de dar novas significações ao estoque memorial armazenado a partir da realidade presente. Desse modo, tem-se que “[...] a memória pode nos constituir como sujeitos. Ela é assim constitutiva do sujeito, ao tornar possível o ato da rememoração” (BERND, 2013, p. 140). A memória cultural caracteriza-se por ser um conceito coletivo em que o conhecimento direciona comportamentos e experiências para estruturas sociais, apoiados na repetição de práticas comuns.

A memória cultural é baseada em pontos fixos no passado. Até mesmo na memória cultural o passado não é preservado como tal, mas está presente em símbolos que são representados em mitos orais ou em escritos, que são reencenados em festas e que estão continuamente iluminando um presente em mudança (J. ASSMANN, 2016, p. 121).

Dentro do processo de escravidão, ao negro foram impostas toda a espécie de dificuldades, uma delas foi a de preservar sua cultura originária, pois tratavam-

se de pessoas desterradas de seu lugar natal, num ambiente totalmente hostil e sem liberdade para exercer seus ritos tradicionais. Entende-se a milonga como um efeito musical de propagação, isto é, um ritmo capaz de abrir espaço para outras formas de representação e de manifestações dos imaginários, por exemplo, do negro na região pampiana.

[...] havia a recorrente preocupação com a afirmação das origens e com estratégias de produção de memória e sociabilidade traduzidas na constituição de espaços onde práticas culturais performáticas, como o candombe e a milonga entre outros, seriam os meios mais eficazes para os grupos de africanos na configuração de elos simbólicos entre as estruturas de sentimentos preexistentes e suas novas demandas sociais (OLIVEIRA; MELLO, 2025, p. 2).

A milonga traz elementos de matriz africana, juntamente com outros aspectos da cultura e do folclore das regiões que integram o Pampa, abrangendo o Uruguai, parte da Argentina e o extremo sul do Rio Grande do Sul. Vicente Rossi, em sua obra “Cosas de Negros” (1958), a divide em dois tópicos: a milonga-baile cujo ingresso no Pampa teria se dado por meio de negros marinheiros cubanos nos portos de Montevidéu; e a milonga-canto, onde os versos ocorriam de forma improvisada, em alguns casos com o emprego do violão (guitarra em espanhol), o que depois se estabeleceu com o nome de payada.

Os negros africanos chegados ao Pampa trouxeram consigo o dom da oralidade como algo de sua natureza e no momento em que se tenta negar ou diminuir essa oralidade já se incorre numa espécie de discriminação. Essas pessoas não externavam ambições econômicas ou patrimoniais, sua luta consistia em resistir ao martírio imposto, almejar a liberdade e sonhar com o retorno à terra natal.

Neste cenário, insere-se Jorge Luis Borges que, com sua literatura de fronteira produz uma poesia no limite entre o Pampa e os arredores da cidade em que a narrativa se desenvolve de modo a englobar lugares imaginários e vestígios memoriais (SARLO, 1995); trata-se de um estilo narrativo que dá vazão a dimensões criativas ao envolver fatos literários e históricos que se perpetuam no tempo. Já Vitor Ramil, representante da zona sul do Pampa gaúcho, vê a milonga como algo puro, que tem sua sonoridade diretamente relacionada à paisagem do Pampa, pois é na associação entre imensidão e Pampa que a milonga, por meio de sua sonoridade, permite que a imaginação elabore suas próprias imagens (RUBIRA, 2017).

Em *Milonga de los morenos*, ao escrever: “alta la voz y animosa / como si cantara flor, / hoy, caballeros, le canto / a la gente de color”, Borges anuncia que irá fazer um canto, em alto e bom som, às “pessoas de cor”, associando a um movimento do jogo de truco. Nota-se que tanto no título como na primeira estrofe, Borges não emprega o termo negro, e sim sinônimos consagrados como “morenos” e “gente de color”. A seguir, menciona o ingresso de africanos por meio de ingleses e holandeses e uma das “definições mercadológicas” que valorizavam o seu “produto”, a de “marfim negro”, ao expressar-se: “marfil negro los llamaban / los ingleses y holandeses / que aquí los desembarcaron / al cabo de largos meses”. Assim como o local onde essas pessoas eram comercializadas e de onde muitos saíram para integrar o exército argentino: “en el Barrio del Retiro / hubo mercado de esclavos; / de buena disposición / y muchos salieron bravos, ao mencionar o comércio de pessoas negras e referendar que dali saíram muitos bravos.

Na estrofe seguinte, os versos relatam que “de su tierra de leones / se

olvidaran como niños / y aquí los aquerenciaron / la construmbre y los cariños”, Borges constata que os africanos, como crianças, haviam já esquecido de sua “terra de leões”, e haviam se “aquerenciado aos costumes e carinhos” da nova terra. Pode-se discutir se, nesse caso, Borges ironiza a respeito da tragédia provocada pela escravidão ao falar em “cariños” ou apresenta uma versão “romanceada” a respeito do escravismo.

Remontando às origens da pátria argentina, Borges escreve que: “cuando la patria nació / una mañana de mayo, el gaucho solo sabía / hacer la guerra a caballo”, como a dizer que os gauchos somente sabiam lutar montados a cavalo, inferindo que os negros teriam sido os primeiros combatentes de infantaria. Em face disso, coube a alguém ver que os negros eram hábeis e corajosos e passaram a integrar a batalha de pardos e de morenos, novamente empregando um outro sinônimo à palavra negro, os “pardos”, como se pode observar em: “alguien pensó que los negros / no eran ni zurdos ni ajenos / y se formó el regimiento / de pardos y de morenos”.

A denominação e as características do regimento ficam expressas em: “el sufrido regimiento / que llevó el número seis / y del que dijo Ascásubi: / “más bravo que gallo inglés”. Com destaque para a bravura dos integrantes desse “sofrido regimento”, conforme a comparação do poeta argentino Hilário Ascásubi.

Na estrofe seguinte, tem-se o relato da Batalla de Cerrito e a atuação do Regimento de número 6: “y aí fue que en la otra banda / esa morenada, al grito / de Soler, atropelló / en la carga del Cerrito”, demonstrando a efetiva participação dos negros para o sucesso do combate. A seguir, faz-se uma analogia à invisibilização instituída, no caso da Argentina, a partir da obra Martin Fierro, de José Hernandez, ao dizer que: “Martín Fierro mató un negro / y es casi como si hubiera / matado a todos. Sé de uno / que murió por la bandera”. Borges faz referência aos que morreram em defesa do país, ou seja, ao colocar o negro na condição de vilão, Hernandez estigmatiza toda a raça.

As estrofes finais trazem todo o lirismo de Borges ao construir essa milonga, pois a cada entardecer, ou seja, no crepúsculo, consegue visualizar o rosto de um negro a lhe observar (embora continue a empregar o termo “moreno”, agora como um adjetivo), e que esse rosto, às vezes, tem feições tristes, e noutras há um semblante sereno, como a enunciar sofrimento e resignação com o passar dos anos, como se constata nos seguintes versos: “De tarde en tarde en el sur / me mira un rostro moreno, / trabajado por los años / y a la vez triste y sereno”. E finaliza com a indagação a respeito dos que morreram para qual céu de tambores foram, talvez como a se perguntar se para o céu do Pampa ou para o céu de sua África de origem? Embora antecipe que em qualquer deles haverá tambores e longas horas de sesta, como seu registro cultural; argumenta que foram levados pelo tempo e o tempo funciona como uma marca do esquecimento, ao escrever: “¿a qué cielo de tambores / y siestas largas se an ido? / se los ha llevado el tiempo, / el tiempo que es el olvido”.

Vitor Ramil representa, a proposição de transpor limites geográficos e unificar países vizinhos a partir de algo comum, representado pelo frio tão característico à região, mas que ao mesmo tempo irmana e aquece novas criações temáticas, em que a milonga é ritmo condutor. E nas milongas de Borges manifestam-se cantares relativos aos *comadritos*, aos *gauchos* que tinham nos *cuchillos* o limiar entre a vida e a morte, ao versejar sobre figuras que matavam e que morriam em nome de uma coragem e de uma bravura institucionalizadas. A singeleza da vida e a grandiosidade da morte ocupam o mesmo espaço nos poemas e a noção identitária está presente em cada gesto ou atitude das personagens; em seus escritos, dá

vazão a dimensões criativas em sua narrativa que envolve fatos literários e históricos que se perpetuam no tempo.

#### 4. CONCLUSÕES

Vitor Ramil representa, a proposição de transpor limites geográficos e unificar países vizinhos a partir de algo comum, representado pelo frio tão característico à região, mas que ao mesmo tempo irmana e aquece novas criações temáticas, em que a milonga é ritmo condutor. E nas milongas de Borges manifestam-se cantares relativos aos *compadritos*, aos *gauchos* que tinham nos *cuchillos* o limiar entre a vida e a morte, ao versejar sobre figuras que matavam e que morriam em nome de uma coragem e de uma bravura institucionalizadas.

Na milonga escrita/interpretada se pode observar a plenitude da paisagem pampiana, o poder de criação por intermédio de uma manifestação artística que possibilita a ressignificação de um passado, o do negro escravizado, a interpretação desse passado no presente, e a expectativa de que se poderá ter um futuro com menos preconceito e com a devida atribuição de valor à efetiva participação do negro na construção da sociedade pampiana ao longo do tempo.

Milonga vista como resultado de uma criação revestida de arte que, a partir da mensagem presente, possibilita uma verdadeira imersão no cotidiano do negro no Pampa em tempos de escravidão e, a partir daí, tem-se a dimensão exata da realidade de um tempo passado, aqui reconstruído a partir de vestígios memoriais, e que traz o negro como constituinte de uma paisagem ressignificada e como mais um dos agentes da memória cultural pampiana.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSMANN, Jan. Traduções. In: **História Oral**, v. 19, n. 1, jan./jun. 2016. (p. 115-127).

BERND, Zilá. **Por uma estética dos vestígios memoriais:** releitura da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros. Belo Horizonte-MG: Fino Traço, 2013.

BORGES, Jorge Luis. Para las seis cuerdas. In: **Obras completas 1923-1972**. Emecé Editores, S.A, Buenos Aires, Argentina, 1974.

OLIVEIRA, Suzan A, de; MELLO, Carla Cristiane. **De payadas e milongas:** os saberes da voz. Acessado em: 28 ago. 2025 Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/2176-8552.2011n11p71>>.

RAMIL. Vitor. **Milonga de los morenos.** Acessado em: 20 ago. 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BC2jvfu0njc>

ROSSI, Vicente. **Cosas de negros:** los orígenes del tango y otros aportes al folklore rioplatense. Buenos Aires: Libreria Hachette, 1958.

RUBIRA, Luís. **Vitor Ramil:** nascer leva tempo. Publicato Editora, Porto Alegre, 2017.

SARLO, Beatriz. **Borges, un escritor en las orillas.** Buenos Aires: Ariel, 1995.